

Vitória
Baixas
Vitória
Centro

A122181

Um futuro para o Centro de Vitória

TARCÍSIO BAHIA DE ANDRADE

Os capixabas têm assistido a um processo – promovido por agentes diversos, institucionais ou não, com destaque para a Prefeitura de Vitória – que tem como objetivo recuperar a imagem do Centro da cidade. Várias ações simultâneas, algumas articuladas em um plano global, outras por iniciativas individuais, revelam uma vontade emergente de mostrar as qualidades do Centro de Vitória. Uma vez assimilado o conteúdo do discurso transmitido por tais ações, já se sabe quais são os elementos de interesses desse local, e que, portanto, nos trazem as seguintes questões: se o Centro tem tantos focos de atração, por que seu esvaziamento? Ou ainda: o Centro realmente se encontra em processo de esvaziamento ou decadência? E por fim: o Centro precisa ser revitalizado?

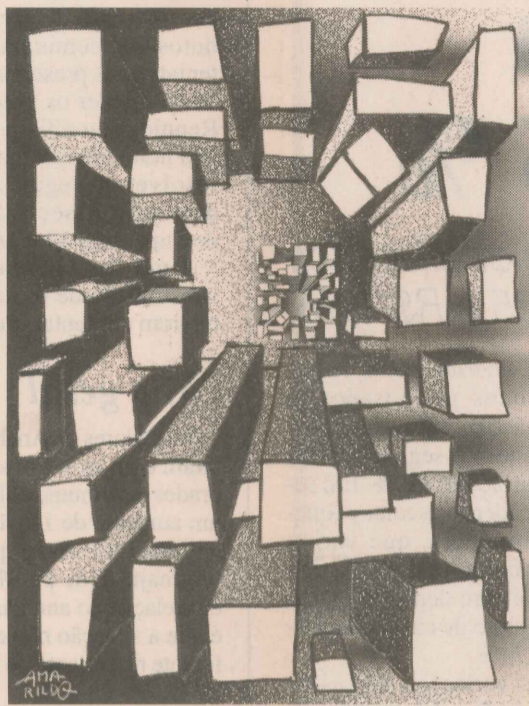
Na verdade, são todas questões ambíguas, pois dependendo de quem as considere, as respostas tanto podem ser positivas quanto negativas. Tratemos, então, de avançar sobre tal ambigüidade.

De fato, o Centro de Vitória pode, e deve, ser revitalizado. De modo algum encontra-se decadente. Ali são tomadas algumas das mais importantes decisões políticas do Estado e do município, são feitas transações comerciais de profunda repercussão econômica no Espírito Santo, são realizadas prestações de serviços das mais diversas ordens, são adquiridos quase todos os tipos de produtos ofertados pelo mercado e, finalmente, ali vive uma parte expressiva da população da cidade. E por todos estes motivos, o Centro não se encontra vazio, muito pelo contrário, encontra-se inchado. No entanto, e pelos mesmos motivos – com exceção da moradia, o último dos itens citados – este inchamento é sazonal, isto é, não ocorre continuamente, mas apenas em determinados períodos, e que corresponde ao horário comercial nos dias úteis e nas manhãs de sábado.

Este é um fenômeno comum às grandes cidades, mas com uma importante diferença: nos principais centros urbanos mundiais, existe um movimento contínuo, com a substituição gradual de pessoas e usos ao longo do dia. Em outras palavras, se durante o horário comercial há uma concentração de atividade relacionadas com o trabalho produtivo, por meio da prestação de serviços públicos e privados, comércio, etc., à medida que a noite adentra chegam aos centros urbanos novos cidadãos ávidos por um outro tipo de demanda, desta vez relacionada com o lazer. Assim, tais locais não abrigam apenas os centros político e de negócios, mas também o centro de lazer. É mantido, portanto, um razoável equilíbrio entre a permanência de pessoas ao longo do dia e da noite, gerando um maior aproveitamento dos equipamentos públicos localizados nestas áreas. Observa-se com isto, um fato essencial em tais cidades: fora do horário de trabalho as pessoas vão ao Centro porque querem. São Centros que vivem ininterruptamente.

Circunstância fundamental para manter cada Centro urbano em constante ambiente dinâmico, a conciliação entre trabalho e lazer num mesmo espaço representa grandes vantagens econômicas. Considerando que esses locais estão dotados das melhores infra-estruturas urbanas de cada cidade, de modo a atender uma enorme solicitação diária de usos, consumos, comunicações e deslocamentos, é naturalmente viável estender tal oferta ao máximo de tempo possível, otimizando-a em relação à demanda. Em nossa sociedade pós-industrial, na qual se prevê um considerável aumento do tempo livre de cada cidadão e, conseqüentemente, do consumo de atividades relacionadas ao lazer, este é um aspecto de extrema relevância para o planejamento estratégico de qualquer centro urbano, inclusive no caso de Vitória.

Normalmente, os Centros são o núcleo urbano primordial de toda cidade. Abrigam a memória histórica de cada comunidade registrada em suas ruas, edifícios e monumentos, além de todas aquelas atividades necessariamente relacionadas com o tempo presente e que desaten-



OS CENTROS SÃO NORMALMENTE O NÚCLEO URBANO PRIMORDIAL DE TODA A CIDADE

tamente não nos damos conta. No Brasil, passada a euforia progressista que lamentavelmente proporcionou desaparecimento de parte de nosso patrimônio construído, pois considerava que o antigo não tinha valor, tem-se aumentado a consciência histórica, o que tem levado a uma valorização dos núcleos urbanos históricos. Neste ponto, dois aspectos conflitivos motivam a transformação particular das cidades: se por um lado a arquitetura e o desenho urbano antigo – ocasionalmente anterior à sociedade industrial – tornam tais Centros focos de atenção histórica tanto de seus cidadãos quanto dos turistas, por outro, estas mesmas circunstâncias as tornam áreas menos adequadas – o que não significa inadequadas – às novas demandas de usos, consumos, comunicações e deslocamentos.

Um novo elemento de profunda importância neste debate acaba de ser citado: turistas! O incremento do turismo mundial, a partir da segunda metade deste século, proporcionou a transformação de uma atividade que hoje é a principal indústria do mundo. Sendo assim, este é um tema que deve ser tratado com a devida atenção por toda a sociedade. Em termos objetivos, todos os turistas gastam dinheiro, incrementando a economia local. Deve-se considerar, porém, a existência de distintos tipos de turistas. Há turistas que gastam muito e outros que gastam pouco; turistas internacionais, nacionais e locais; turistas interessados em ter contato com a cultura urbana e outros interessados na paisagem agreste. Todos os tipos citados são bem-vindos e, no caso específico de Vitória, deve ser desenvolvido um trabalho midiático visando a todos os grupos.

Tomemos como exemplo Paris, a cidade que mais recebe turistas no mundo. Com exceção do turista interessado em ambientes agrestes, a capital francesa recebe praticamente todos os tipos de turistas. E grande parte desses turistas dirige-se à equipamentos culturais localizados na área central da cidade. Os turistas, encantados por conhecer as belezas arquitetônicas e artísticas da metrópole, também admiram o ir e vir de parisienses em direção aos cafés, cinemas e teatros após a longa jornada de trabalho. O sol se põe, as luzes se ascendem e a cidade continua com vida.

Assim, em relação ao Centro da Capital do Espírito Santo e de tudo o que já foi dito, decorrem as seguintes conclusões: 1 – o Centro de Vitória não se encontra esvaziado, seu esvaziamento ocorre fora dos horários comerciais; 2 – o Centro de Vitória deveria encontrar meios de atrair a população da área metropolitana in-

teressada em lazer, qualquer que fosse o horário desta população dedicado a este tipo de atividade; 3 – o Centro de Vitória, dotado como está de uma série de espaços de interesse histórico, deveria organizar-se de modo a se transformar num foco de turismo urbano e cultural.

Surge, no entanto, um outro e grave problema que deve ser analisado. Com as atuais condições de acessibilidade, o Centro não consegue ser proposta atraente para ninguém que alguma vez tenha para ali se dirigido em horário comercial. Fala-se na alternativa de desviar o tráfego de grande parte dos veículos que apenas passam pelo Centro, através de uma via que circularia a Ilha pelo lado de São Pedro. De fato, isto viria a ajudar, mas não resolveria. Sanaria o problema da conexão Norte de Vitória/Carapina – Campo Grande/Cariacica. No caso da população de Vitória porventura interessada em se deslocar para o Centro, a percepção do local pouco se alteraria com a retirada de grande parte dos veículos, mas com a manutenção das formas e dimensões atuais das vias de acesso.

Vitória teve uma rápida expansão em direção ao Norte, devido ao deslocamento da população de maior poder aquisitivo para junto do mar, relegando um enorme bolsão imobiliário dotado de infra-estrutura que vai do Saldanha à Enseada do Suá. Para atrair novamente essa população com o fim de revelar as qualidades do Centro, que numa época pareceu ter se perdido, é necessário repensar os mecanismos de acesso disponíveis.

Como cidade portuária, Vitória não pode descartar esta importante referência histórica na composição de sua imagem futura. O porto é um destacado cartão postal do Centro da cidade. Porém, o símbolo “porto” não precisa ser confundido com a realidade do próprio porto. Ver os navios atracados, seja do lado de Vitória, seja em Capuaba, é bem diferente de manter-se o Porto de Vitória com todos seus serviços, armazéns, silos etc. Desaparecendo as construções de suporte às atividades portuárias, várias circunstâncias seriam proveitosas à revitalização do Centro: 1 – disponibilização de áreas que viabilizariam a expansão do sistema viário do local; 2 – abertura de impressionantes visuais para a Baía de Vitória, numa perspectiva até hoje inexplorada paisagisticamente; 3 – a possibilidade da materialização de equipamentos públicos e privados destinados ao lazer e ao turismo, nos pontos de maior dimensão.

Complementando tais propostas, dever-se-ia implementar um eficiente sistema de transporte marítimo entre as várias partes da cidade, e que pudesse cobrir as verdadeiras demandas de uma cidade eminentemente vinculada ao mar.

Nada mais fascinante para um cidadão ou um turista que embarcar em Camburi, por exemplo, com destino ao Centro, para ali visitar o Palácio Anchieta; depois o Museu de Arte do Espírito Santo; provar uns “tira-gostos” num bar instalado à margem da baía, antes de um espetáculo no Carlos Gomes; e no fim da noite regressar à sua casa ou seu hotel, vendo, a partir do mar, a cidade iluminada.

Fantasia? Não creio. Trata-se de propostas extremamente viáveis na perspectiva atual de Vitória e do Espírito Santo. Mesmo no quadro recessivo, os recursos necessários à implementação de um plano desta natureza são possíveis de serem obtidos. Por incrível que pareça, nestes casos, o mais difícil é conseguir reunir, em torno de uma mesma mesa e de uma mesma idéia, os agentes interessados, abrindo mão, é claro, de qualquer tipo de vaidade que normalmente é o principal motivo para que idéias concretas não passem de fantasia.

As idéias apresentadas são obviamente abertas e servem mais como um estímulo à discussão do tema. Mas, se não forem tomadas medidas efetivas, como as aqui sugeridas, um processo contínuo, ainda que lento, pode provocar a decadência gradual dos espaços públicos, dos equipamentos históricos e culturais e das propriedades privadas, e que transformará o Centro em mera lembrança, ao invés de uma imagem viva do passado, presente e futuro da sociedade capixaba.